

Filho de Teotônio é fiador da chapa de malufistas do PMDB

Eliane Cantanhede

Maceió — Em Alagoas, estado onde o PMDB é dominado por ex-malufistas, um candidato ao Senado foi escolhido a dedo para forjar um elo entre a chapa majoritária e a história do partido: Teotônio Vilela Filho, o Teo, 35 anos, único dos sete irmãos a herdar o nome e a vocação política do falecido senador Teotônio Vilala, que se transformou em "Menestrel das Alagoas", e "Arauto da Esperança", quando peregrinou país afora na maior mobilização pró-anistia realizada durante os governos militares.

Os sete filhos de Teotônio Vilela, idades variando entre 25 e 36 anos, têm curso superior. Nenhum deles, contudo, seguiu a carreira política do pai, que foi deputado estadual, vice-governador de Alagoas e duas vezes senador. Nem mesmo Teo, que só este ano envereda pela sua primeira aventura eleitoral, com o aval e o apoio de toda a cúpula do PMDB nacional, inclusive, o presidente Ulysses Guimarães.

Prestígio

Fartos bigodes e um rosto marcado pelas espinhas da adolescência — duas características físicas que eram também do pai — Teo desejou concorrer à Câmara dos Deputados já nas eleições de 1982. Foi impossível. Na época, sua mãe, seu pai e uma cunhada (mulher do primogênito dos Vilela, José Aprigio) estavam com câncer e viriam a falecer no ano seguinte. "Eu não tinha condições psicológicas de me candidatar", relembrava.

Mas ficou a vontade e ele tinha

preparado tudo para concorrer a deputado federal este ano, até que Fernando Collor entrou para o partido arrastando dez outros ex-pedessistas malufistas com ele, e se transformou em candidato peemedebista ao governo do estado. Teo pegou um avião e desembarcou no gabinete de Ulysses em Brasília, onde fora assinada a ficha de filiação de Collor ao partido.

— Dr. Ulysses, vou sair do PMDB, anunciou Teo, que já estava com um pé no PSB.

— Para que partido você vai? — limitou-se a perguntar Ulysses, numa atitude que Teo interpretou como descaso e, por isso, não respondeu.

Hora depois, estava no hotel "chorando as mágoas com um bom uísque", quando o senador Pedro Simon, vice-presidente nacional do PMDB, telefonou pedindo que corresse a sua casa. Lá, estava a sua espera uma verdadeira tropa de choque peemedebista: Simon, Miguel Arraes, Waldir Pires, Rafael de Almeida Magalhães e Dante de Oliveira.

O Ulysses está muito preocupado. Não podemos deixar você sair do PMDB logo agora, diante de uma Constituinte. Seu nome é a própria história do partido, disse Simon em nome dos companheiros.

De quebra, o senador Fernando Henrique Cardoso telefonou de São Paulo no meio da reunião, que foi em março, 15 dias depois do lançamento da reforma econômica do governo: "Não faça isso. Eu também ia sair do PMDB. Mas agora, com esse Plano Cruzado, nem pensar..."

Na própria reunião, depois de con-

sultas por telefone a Maceió, ficou acertado que Teo não só ficaria no PMDB como seria seu candidato ao Senado. Para os candidatos do PMDB histórico à Câmara dos Deputados, foi um alívio perder um forte concorrente; para os candidatos majoritários, foi como um aval do PMDB nacional à campanha de Collor.

"Eu dou autenticidade e coloração histórica à chapa" admite, sem modéstia, Teo.

Resultado: até esta semana, ele já percorreu 60 dos 96 municípios alagoanos, a bordo de um monotor ou de uma camionete, e lembra, sempre que pode, que o comício de lançamento de sua candidatura, na praia de Pajuçara teve a presença de Ulysses, Arraes, Dante e Rafael, privilégio que Collor não teve.

Casado com a alagoana Cynthia, com quem tem um filho de dois anos, Teo é formado em economia pela Universidade de Brasília e se classifica como "sócio proprietário de uma pequena empresa" — a Serestá, em Júnqueiros, interior do estado, que produz 1 milhão de sacos de açúcar por safra.

Candidato individualmente mais forte do PMDB ao Senado, seguido pesquisas de opinião, ele foi chamado ao comitê de Collor para uma reclamação: sua assessoria não estava usando nos carros o material de propaganda do cabeça da chapa. Mas ele garante que suas divergências com Fernando Collor estão ultrapassadas: "Estamos unidos em torno de compromissos históricos no PMDB e a favor de Alagoas. Enquanto eles forem respeitados, não haverá qualquer problema."